

PEDAGOGIA PÚBLICA DO DISCURSO FEMININO, OU COMO LEMOS “FUI ABUSADA”.

Catarina Dallapicula (FAPES/PPGE-UFES)

cdallapicula@hotmail.com

O DEVER MULHER E O DEVIR MULHER

[...] as normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual. (BUTLER, 2010, p. 154)

Dizer-se mulher é identificar-se em um padrão de performatividade de gênero que em diferentes âmbitos sociais pode ser definido pela materialidade corporal, pelos vestires, por signos linguísticos e escolha de palavras, e por matrizes culturais que determinam fronteiras das práticas (inclusive discursivas) e dos viveres sexuais (dentre outros). As fronteiras, os limites e os entrelugares vividos e ocupados (como aquele que ocupa o que não lhe pertence por direito) que (de)limitam as práticas femininas constituem-se nos cotidianos e são reproduzidas via pedagogia pública.

Imposta e fortalecida desde “a declaração “É uma menina! ou “é um menino!”” – momento em que se “instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção” (LOURO, 2008, p.15) – a pedagogia pública “permeia todas as esferas culturais e sociais da sociedade” (GIROUX, 2011, s.n., tradução nossa). Suas redes determinam o possível e o não possível e as fronteiras do experienciar da mulher a partir da afirmação inicial que, na verdade, refere-se ao lugar que **deve** ocupar no binarismo heteronormativo.

Dentro de uma sociedade regida pela heteronormatividade paternalista, a materialidade corporal do ser mulher **deve ser** ter uma vagina desde o nascimento, os vestires **devem** estar conformados com padrões ditos femininos que vão desde vestidos e roupas em tons pastel até camisas de alfaiataria em estilo masculino, mas com “corte feminino”. A mulher **deve** relacionar-se afetiva e sexualmente com um homem, sendo este definido pela constituição física que inclua um pênis desde seu nascimento.

Ao homem também são impostos vestires adequados a sua condição de gênero dentro dos possíveis no binarismo social, porém na performatividade sexual de gênero as diferenças entre deveres e poderes se acentuam.

Os limites e fronteiras das práticas de gênero a serem desempenhadas por mulheres são socialmente delimitados por uma pedagogia pública imbricada de valores religiosos que demarcam desde o vocabulário adequado ao feminino (o que a mulher pode dizer) até o número de parceiros e posições sexuais aceitáveis a uma “mulher honesta” (expressão presente no Código Penal brasileiro até 2005).

Essas fronteiras, demarcadas por significados culturais atribuídos aos fazeres cotidianos, embora geralmente intangíveis, materializam-se em legislações, pregações religiosas, práticas procedimentais em ambientes públicos e, em casos extremos, em violências verbais e físicas. “Efeitos das instituições, dos discursos e das práticas, o gênero e a sexualidade guardam a inconstância de tudo que é histórico e cultural; por isso, às vezes escapam e deslizam” (LOURO, 2008, p. 17) e ao deslizar demandam a criação de mecanismos pedagógicos que os tragam de volta para seus espaços de pertencimento, que os retirem das fronteiras e imponham os limites (como se) reais.

No contexto brasileiro (correndo o grande risco do generalizar), à mulher são permitidas algumas práticas sociais flexibilizadas ao longo dos últimos anos (como o acesso ao trabalho remunerado e aos níveis superiores de estudos) enquanto outras práticas seguem condenadas entre alguns grupos sociais (como o relacionar-se com diversos parceiros sexuais ou mesmo cortar os cabelos em qualquer comprimento). Percebemos, assim, que os mecanismos de nomeação e produção de realidade iniciam-se no nascimento e renovam-se por toda a vida. Butler (2010) explica que

[...] a interpelação médica [...] transforma uma criança, de um ser “neutro” em um “ele” ou em uma “ela”: nessa nomeação a garota *torna-se* uma garota, [...] Mas esse *tornar-se garota* da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar [...] esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma. (BUTLER, 2010, p. 161)

As “várias autoridades” citadas pela autora determinam a todo tempo o que é¹, dentro do **dever mulher**, instaurado como normal social. A produção deste parâmetro cultural

(como de qualquer outro) “é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado pela referência ao passado, mesmo que apenas ao impor a repetição” (HOBSBAWM, 1983, p. 10, tradução nossa). O normal é inventado como tradição e defendido em argumentos essencialistas que apelam para a manutenção da ordem social ao justificarem seus atos punitivos.

Sendo assim, o **dever mulher** é cerceado pelos discursos e fazeres considerados possíveis, aqueles que se encontram dentro das fronteiras do normal. A tradição (inventada), a ritualização dos fazeres e a formalização destas como constituição das performances de gênero são controladas pelos cânones para que a evolução histórica (pré)determinada seja cumprida.

O **dever mulher** é guardado como artefato cultural pelas disciplinas institucionalizadas da pedagogia pública. Garantindo

[...] que direta ou indiretamente, com ou sem revezamento, a vontade de todos forme a instância fundamental da soberania, as disciplinas dão, na base, garantia da submissão das forças e dos corpos. As disciplinas reais e corporais constituíram o subsolo das liberdades formais e jurídicas [...] (FOUCAULT, 2010, p. 209)

Essa imposição de determinado caminho, ou história de vida, dentro dos limites das liberdades sociais, formais e jurídicas pressupõe um **dever viver** em que as experiências possíveis estão listadas de forma determinista. Relacionado ao papel social do binarismo heteronormativo o **deve-ser-seguido** pela mulher tem a intenção de cercear os possíveis em seu presente, passado e futuro. “É falso dizer-se que a máquina binária só existe por razões de comodidade” (DELEUZE e PARNET, 2004, p.33), sua principal função é a de encaixar cada pessoa em um modelo que a explique e defina, tornando viável o controle de seus fazeres.

Enquanto o **dever mulher** cerceia a experiência do feminino, a pedagogia pública utiliza de diversos aparatos para garantir que cada mulher (considerando-se nessa definição apenas os sujeitos a quem o título de mulher é concedido) experiencie apenas os atos e performances permitidos (ou designados) a esta categoria. Porém, “o devir não passa por aí. No devir, não há passado nem futuro, nem mesmo presente, não há história. No devir, trata-se antes de involuir: não é nem regressar, nem progredir”

(DELEUZE e PARNET, 2004, p.41). Assim, um **devir mulher** só é possível na transgressão, no descaminho, na involução ahistórica.

Àquelas que transgridem “e assumem a inconstância, a transição e a posição “entre” identidades como intensificadoras do desejo [...] *que* extraem mais prazer da mobilidade e da “passagem” do que propriamente da “chegada” a outro lugar ou ao lugar do “outro”” (LOURO, 2008, p. 21-22) cabem os cerceamentos e punições como práticas disciplinares que as acomodem (ou pelo menos tentem acomodar) em seu lugar de pertencimento, na identidade cultural que lhes foi legada.

A pedagogia pública, controladora dos fazeres e do discurso feminino², constitui-se de forma a controlar o possíveis a cada indivíduo, valendo-se da

[...] disciplina infinita: um interrogatório sem termo, um inquérito que se prolongasse sem limite numa observação minuciosa e cada vez mais analítica, um julgamento que seja ao mesmo tempo a constituição de um processo nunca encerrado, [...] a medida permanente de um desvio em relação a uma norma inacessível e o movimento assintótico que obriga a encontrá-lo no infinito [...] (FOUCAULT, 2010, p. 213-214)

Dessa forma, diversos dispositivos de controle social funcionam no sentido de guiar o comportamento feminino à norma. Os desvios devem ser cerceados, banidos, e (quando não for possível impedi-los) calados. O discurso feminino então, emerge como alvo primordial para o controle do *status quo* social, alvo máximo da disciplina imposta pela pedagogia pública da heteronormatividade patriarcal. Ramalho (2005) nos ajuda a pensar que o desafio maior contra essa pedagogia pública

[...] consiste na des-essencialização desse recente sujeito colectivo a que chamamos “as mulheres”. [...] No caso da identidade sexual, não é apenas o binarismo convencional da diferença sexual – homens, mulheres – que se acentua, designadamente nas lutas pela emancipação das mulheres nos dois últimos séculos, mas, mais recentemente, as diferenças e os conflitos no seio de cada um dos grupos [...] (ibidem, p.542-543)

O direito à diferença no seu **devir mulher**, é negado, então, pela ideia essencialista da performatividade do gênero feminino. Embora banida do meio jurídico a ideia de “mulher honesta” continua marcada no imaginário coletivo e torna-se referencia para a classificação da mulher “outra”, porque não honesta. A essa mulher-outra são atribuídos nomes como: vagabunda, cachorra, puta, vulgar, mundana, baixa, ..., e vadia.

A vadia invade, então o imaginário social como a mulher-outra, a transgressora, aquela que não se permite capturar por parte da história de vida que lhe foi imposta ou mesmo por ela inteira. Como nômade, migrante ou exilada (LOPES, 2008) do binarismo de gênero a vadia provoca incômodos, desconstrói aquilo que “está posto” e que pretende permanecer assim. Em suas práticas, a vadia rompe com o **dever mulher** e reinventa seus caminhos, permitindo-se experimentar e experienciar a vida em uma performance que se constitui no que consideramos a potência de um **devir mulher**.

O QUE VOCÊ QUER É VADIAR...

No último mês de abril o **dever mulher** do imaginário social brasileiro foi “incomodado” por dois eventos que ganharam grande visibilidade nas mídias digitais: a declaração de Xuxa a um telejornal de grande audiência e a Marcha das Vadias, que aconteceu em diversas cidades brasileiras.

Vídeos da entrevista de Xuxa, de coberturas jornalísticas sobre a Marcha das Vadias, de programas debatendo seus temas, e de paródias e críticas a esses dois “eventos transgressores” foram postados no YouTube. Os comentários postados ilustram tanto apoio à apresentadora e à temática da marcha, quanto uma tentativa de punição, uma coerção dos discursos dessas mulheres na tentativa de conformá-los à heteronormatividade patriarcal existente.

Sobre o primeiro texto fílmico – a declaração de Xuxa à imprensa – incidem cerceamentos contra a subversão da apresentadora ao acusar homens de um ato de violência contra seu corpo. Neste vídeo a apresentadora de TV comenta fatos de sua vida e diz que sofreu abusos em sua infância e adolescência cometidos por mais de um homem. Dentre as declarações postadas para um dos vídeos com a entrevista completa da apresentadora (GLOBO, 2012), podemos citar³:

Esse video me deu vontade de vomitar eca...essa mulher é pura encenação.
Uma maria chuteira atriz pornô que se acha uma santa. (agosto, 2012)

Apresentadora, atriz pornô,símbolo da pedofilia
Arrastando as crianças pra esse mundo de magia, chamado bruxaria
Seu filho está em péssima companhia, dando ibope pra essa vadia
Bruxa fazendo sinal satânico,
debochando de Deus na festa pagã de fim de ano,na televisão
Sua alma não te pertence,
Aberração de olhos azuis não me convence!!! (julho, 2012)

Essa mulher é uma PEDÓFILA CRIMINOSA!
DEVERIA ESTAR PRESA, OU PELO MENOS SER PROIBIDA DE
CHEGAR PERTO DE UMA CRIANÇA. (julho, 2012)

SE ELA REALMENTE FOI ABUSADA, AO INVÉS DE FAZER ESSE
MALDITO FILME PEDÓFILO FARIA UM TRABALHO PRA CUIDAR
DE CRIANÇAS Q FORAM ABUSADAS, MAS NO LUGAR DESSE
TRABALHO ELA TEM O PARQUE DA XUXA EM VÁRIOS ESTADOS.
QNTO ELA GASTA P/ AJUDAR AS CRIANÇAS DE FATO E O QNTO
ELA GASTA CONSIGO? DEUS Ñ NOS DÁ NADA SÓ PRA GASTAR
CONOSCO MESMOS, TEMOS A OBRIGAÇÃO DE AJUDAR OS Q DE
ALGUMA FORMA PASSAM NECESSIDADE. (julho, 2012)

Ah eu não consegui ver tudo não, voz chata pra kcte! Mas de uma coisa deu
pra perceber, agora que ela não consegue mais aparecer na mídia pq ta feia e
velha, tá querendo vender outro tipo de produto. Parece ser uma pessoa em
desespero que faz qualquer coisa pra aparecer. (julho, 2012)

Bela forma de conseguir um espaço na mídia... Um espaço maior, talvez uma
repercussão. (julho, 2012)

EU nunca gostei do seu jeito nem quando eu era criança. olhando vc agora vc
parece ser extremamente solitaria por dentro. vc faz sutilmente varios elogios
a si mesmo só nao fez dizer que e a mulher mais bonita e desejado pq ia
pegar muito mal mas o tempo todo insinuou isso todo tempo usando sempre
uma segunda ou terceira pessoa dizendo que eles quem achava isso ,hoje vc
diz que foi abusada e diz que se acha culpada pq no funo vc sabe que nao foi
abusada vc gostou do que fez. (julho, 2012)

Enquanto a entrevista de Xuxa está disponível em diversas versões (mais curtas ou completas), a Marcha das Vadias, em suas versões de diferentes cidades como Belo Horizonte, São Luiz do Maranhão, Vitória, Rio de Janeiro, Brasília, etc., tem sua “cobertura digital” representada mais por vídeos informais postados por pessoas que participaram das marchas, do que por vídeos de noticiários de televisão.

Optamos por retirar comentários de um dos vídeos postados pelo coletivo que organizou a marcha das vadias de Brasília. A opção por esse vídeo justifica-se pelos fatos de ter recebido uma variedade significativa de comentários e de que os poucos vídeos online ligados a telejornais têm a opção de postagem de comentários desativada.

O vídeo em questão, intitulado “Ai, que vadia!” (CONIC, 2012), é composto por uma sequência de depoimentos sobre atos e experiências transgressoras de mulheres consideradas vadias. A intenção do vídeo parece ser expor os discursos que cerceiam o **dever mulher** nos cotidianos sociais e utilizar a mídia digital para subverter a pedagogia pública do discurso feminino. Dentre os comentários postados, estão:

Feminismo foi exportado por ditaduras, as feministas ganhavam dinheiro de pessoas como Stalin, Mao, etc, este movimentozinho foi jogado nos países bons para estragá-los. (agosto, 2012)

Se você é feminista,então você não prega a igualdade de direitos entre os sexos.Na melhor das hipóteses você luta por benefícios para as mulheres.Se você lutasse realmente por uma igualdade,independente de sexos, você estaria buscando acabar com as distorções legais que prejudicam o cidadão por ser HOMEM,impondo-lhes obrigações arbitrárias.Já não seria uma feminista... (agosto, 2012)

Concordo o movimento feminista fazer valer os seus direitos, mas batizar-se de Marcha das Vadias?? Bem, podem explicar o quanto quiserem... esse nome deprecia o movimento de vocês e, por causa disso, não vai dar certo. Mulheres direitas jamais aceitarão ser chamadas ou fazer parte de um movimento de "vadias", independente se são ou não. (agosto, 2012)

Ficam falando merda de boca cheia aí de que a mulher recebe menos salário, e é verdade, recebem mesmo. Mas não falam que a mulher quase não se arrisca dentro da empresa, quase não se especializa em nada, não gostam de fazer cursos técnicos. As mulheres que conheci e que ganhavam bem de verdade (as poucas), todas se arriscavam na carreira, todas estudavam mais que as outras, todas se especializavam em algo que produza faturamento. Acordem,tá na hora de parar de fumar maconha e parar de novela (agosto, 2012)

Mulheres vivem da sexualidade. e do apelo sexual, Decotes imensos microsaías algumas andam sem calcinha por ai insitando cada homem a se perder em seu Charme e sua sensualidade, "Seja bela, Sedusa" Praticamente todos os comerciais de TV e revista estimula a mulher a ser uma sedutora proficional. Tudo para tornar o homen submisso aos caprichos da femea. "Se não faz como eu quero vai dormir no sofa!". Chaga a ser covarde elas andam tão semi nuas que o cara tem que se esconder pra não ficar (julho, 2012)

Ou vc ta trabalhando e chega uma sem noção se debruça mostrando os seios e vc fica sem ação pq se vc olha é o taradão! (Ela não é uma santa) Ou a famosa camisetinha que elas ficam puchando pq vc olhou a birriginha (que tava de fora) e ficam p da vida pq vc olhou. Logo elas devem pensar Que se foda se eu mecho com todos os sentidos deles e os estou insitando sexualmente o que importa... sou eu me vestir como PUTA! è como dizem não quer ser roubado esconda o dinheiro. (julho, 2012)

Uma generalização absurda já no próprio slogan da marcha " se ser livre é ser vadia, somos todas vadias". Uma completa anarquia de pensamentos onde é comparado a liberdade à comportamentos medíocres como o direito à andar expondo seu corpo ou de ser promíscua. Os tabus sobre o sexo são deixados de lado só para favorecer as mulheres. (julho, 2012)

nesta época de geys e de feministas que se insitam como inimigas dos homens, é inportante não perdermos o rumo o homen tem que estar com a mulher tamto quanto o oposto. mantendo a consciencia de que ninguem é obrigado a estar em uma relação infeliz. e principalmente precisamos resgatar o romantismo o amor e a poesia de se namorar. respeitamdo as diferenças abrindo espaço para para o outro ter a sua individualidade e sendo antes de amantes amigos /. sexo não é tudo mas o Amor é. (julho, 2012)

A SUBVERSÃO DE GÊNERO VIA VADIAGEM NO DISCURSO

Dentro do binarismo heteronormativo patriarcal vigente, que determina os possíveis a cada papel de gênero, a mulher deve viver a história que lhe cabe. Dentre os fazeres

aceitáveis estão: ser dócil, ter o menor número possível de parceiros sexuais ao longo de sua vida (preferencialmente um e compulsoriamente de gênero masculino), respeitar a autoridade masculina e “guardar-se” para não provocar o desejos ou fúrias do sexo oposto.

Caso opte por experienciar outras práticas e performances, é “prudente” que pelo menos o discurso feminino seja conformado, delimitado pelos possíveis a seu papel. À mulher que não vivencia a história de vida “que lhe cabe” é recomendado o “silêncio prudente”. O controle do discurso funciona assim, como dispositivo final de cerceamento que garante a manutenção do *status quo* do **dever mulher**.

Sendo assim, ainda que transgrida o **dever mulher**, deve-se “manter as aparências” no discurso. Xuxa quebra essa prática ao falar de sexo, porque como apresentadora infantil esta deve ser assexuada, pelo menos nas aparências. A pedagogia pública demanda seu celibato. Dizer que foi violentada é uma dupla infração, pois além de estar assumindo um corpo sexuado, sua fala acusa um homem (ou mais) de tê-lo violado.

O controle do discurso feminino passa pela busca de acusações que descreditem aquela que se diz vítima. No caso de Xuxa, são usados como argumentos sua idade, falta de IBOPE, o não revelar os nomes dos agressores, declarar que só anos depois tornou-se ciente da agressão sofrida, um filme feito em sua carreira como atriz no qual participou de cenas eróticas com uma criança do sexo masculino (sendo acusada de pedofilia)...

Em relação à Marcha das Vadias, as respostas e comentários ao vídeo são ainda mais diretamente enfáticos e agressivos ao cercear o discurso feminino. Talvez isso se dê pelo fato de a Marcha questionar abertamente os dispositivos sociais de controle do discurso feminino e desconstruir mitos e tradições usados para respaldar essas práticas de cerceamento.

Enfatizar que o **dever mulher** é um direito a ser conquistado não é suficiente. Cada mulher em suas práticas diárias convive com os discursos cerceadores do **dever mulher** que se faz presente em propagandas, discursos religiosos, fundamentalistas e “protetores da tradição”.

Permitir-se experienciar outras histórias de vida é ainda aceitável se os discursos, pelo menos, não forem outros, não contestarem a performatividade imposta do binarismo heteronormativo patriarcal. Xuxa vadia seu discurso ao admitir ter sexo, fazer sexo e

pior, querer poder decidir com quem fazer. Sentir-se invadida por ter sido abusada é um absurdo para os “guardiões da moral e dos bons costumes”, afinal, de alguma forma, “ela deve ter provocado” como insinuam alguns comentários.

A Marcha das Vadias por sua vez impacta com a exposição de corpos que claramente não tem nem pretende ter uma conotação sexual. Mulheres com corpos pintados, exigindo o direito de gozar, de ter prazer e, principalmente, de ter direito sobre o próprio corpo não serão alvo de “passadas de mão”, assovios e cantadas e isso provoca um desconforto. O desconforto social do “o que fazer com isso” emerge por existir um discurso prévio de que “a mulher que se expõe está querendo”. Este querer é apontado como um desejo por sexo ou por punição. Ao homem cabe oferecer os dois. Então, como agir com aquela que não quer nem aceita qualquer dos dois ao se expor?

Como mecanismo de controle da pedagogia pública, utilizando do anonimato que as redes sociais garantem, indivíduos atacam e agridem verbalmente as transgressoras como forma de punição. Estas são, assim, ensinadas que isso não deve ser feito, que seu **dever mulher** não é aceitável.

A vadiagem do discurso feminino funciona, então, como desestabilizadora das verdades generalistas sobre o papel de gênero da mulher. Trazendo a público as práticas que estão fora das fronteiras do permitido, as mulheres que transitam por este campo provam a inventividade dos limites e a possibilidade de histórias e experiências outras que não são melhores ou piores, apenas diferentes. Assim, começam a corroer as bases do pensamento hegemônico que, embora não ceda, pelo menos se vê compelido a pensar argumentos que sustentem o insustentável. E, enquanto fundamentalistas se debatem em críticas e meios para cercear o **dever mulher**, feministas, donas de casa, trabalhadoras e mulheres em geral seguem a vadiar...

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. IN: LOURO, Guacira Lopes. (org) **O Corpo Educado**. Pedagogias da Sexualidade. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (p.



151/172) (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva)

CONIC. **Ai, que vadia!** Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=94vJ-YRqmwY&feature=related> Acesso em: 01 de setembro de 2012.



FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GIROUX, Henry A. **Higher education under siege: challenging casino capitalism's culture of cruelty**. openDemocracy (27 de Novembro de 2011) Disponível em: <http://www.opendemocracy.net/ourkingdom/henry-giroux/higher-education-under-siege-challenging-casino-capitalism%E2%80%99s-culture-of-crue> Acesso em: 01 de setembro de 2012.

GLOBO. **Xuxa Depoimento completo para - Fantástico 20/05/12-brasil**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OgzEQ0gTe9Y> Acesso em: 01 de setembro de 2012.



HOBBSAWM, Eric; et al. **La invención de La tradición**. Barcelona: Crítica, 2002.



LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAMALHO, Maria Irene. A sogra de Rute ou intersexualidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (org.) **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

¹ Aqui o verbo *ser* é utilizado para ilustrar a pretensão de estabilidade binária, não sendo permitido qualquer deslocamento por parte dos indivíduos.

² Ainda que o discurso também seja um fazer, o repetimos aqui para reforçar a presença de um controle performático em relação às práticas discursivas.

³ Os depoimentos aqui transcritos terão como referência apenas o mês de sua postagem. Optamos por não identificar de qualquer forma os autores já que no meio digital estes utilizam nicknames, que já são subterfúgios de omissão de identidade e por não nos interessar quais discursos pertençam a quem, mas às falas em si. Compreendemos, no entanto que seria interessante saber, ao menos se os comentários foram postados por homens, mulheres, heteros, lésbicas, gays, trans, travestis, etc. por entender que o lugar de onde se fala interfere no discurso. Infelizmente nesta pesquisa não foi possível tal identificação. Também não foi feita qualquer interferência na grafia dos comentários.